

## Capítulo 12

# A informação ambiental na construção da agroecologia<sup>1</sup>

## Notas sobre um estudo de recepção com assentados do MST

*Isabelle Azevedo Ferreira*

### Introdução

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), fundado em 1984, só na última década incorporou fortemente a questão ambiental ao projeto político do movimento. Da sua fundação até o começo dos anos 2000, o MST preocupou-se eminentemente com a regulamentação constitucional das desapropriações para a reforma agrária e a efetivação de que esta pudesse ser implementada.

Somente a partir de 2000, durante a realização do 4º Congresso do MST, é que o movimento vai intensificar o diálogo com a pauta ambiental. A questão ambiental passa a ser um novo elemento na disputa pelo projeto de sociedade que o MST quer construir, entendendo que a mudança entre as relações entre homem e natureza são fundamentais para a construção de uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 4 - Representação Social e Mediações socioculturais do VI Congresso de Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação, na categoria pós-graduação. UERJ, Rio de Janeiro, outubro de 2013.

nova sociedade. Em 2007, esta preocupação do movimento é ratificada nos documentos do 5º Congresso Nacional do MST.

Diante deste novo contexto histórico vivenciado pelo movimento, o objetivo deste artigo é fazer um estudo de recepção com assentados/as do MST, do Assentamento Novo Mulungu (localizado próximo a cidade de Tururu, a 109km de Fortaleza), identificando o conhecimento que eles tem da questão ambiental e da agroecologia, entendendo ainda como os assentados, ligados ao MST se apropriam das informações sobre a questão ambiental. Ressalta-se que há a compreensão de que as informações podem advir de outros processos que, não necessariamente, estejam atrelados ao MST<sup>2</sup>. Além disso, pretende-se conhecer os usos feitos destas informações no assentamento e de que forma estas contribuem para a implantação da agroecologia, modelo que vem sendo defendido pelo MST (BORGES, 2007; NEGRI, 2005).

Esta é uma pesquisa de caráter exploratório, portanto este artigo versa sobre notas introdutórias ao tema. Com isso, a proposta inicial foi de reconhecer o lugar a ser pesquisado, os sujeitos e a forma como recebem as informações e a produção agroecológica do local para, então, consolidar uma pesquisa que dê conta de responder, de fato, os objetivos apresentados. A metodologia foi formulada a partir da entrada do pesquisador em campo. Considera-se que há aqui um caráter de inserção etnográfica.

O assentamento Novo Mulungu, localizado em Tururu-CE, foi escolhido por ser de fácil acesso e porque utiliza os processos agroecológicos em sua produção, desenvolvendo a plantação a partir da técnica da Mandala<sup>3</sup>. No Novo Mulungu, são cinco

---

<sup>2</sup> O movimento tem empreendido campanhas e jornadas de luta como forma de dar visibilidade às lutas ambientais. A comunicação torna-se uma aliada na construção de uma agenda socioambiental. Além disso o MST tem forte atuação no campo da comunicação com a produção do jornal mensal “Sem Terra”, a revista bimestral “Sem Terra”, o programa de rádio “Vozes da Terra” e ainda o site do movimento ([www.mst.org.br](http://www.mst.org.br))

<sup>3</sup> A técnica consiste no uso de diversas espécies que são plantadas de forma circular. A variedade da cultura atrai insetos polinizadores e controladores de pragas. A forma circular facilita ainda a adubação do solo e um melhor aproveitamento da irrigação.

grandes mandalas que plantam do abacaxi ao coentro, por exemplo. Quatro famílias tomam conta de uma das mandalas. No restante, 16 pessoas tomam conta das outras quatro mandalas, cada uma com um ou dois canteiros.

O assentamento possui 61 famílias assentadas de forma regular<sup>4</sup>, distribuídas em cinco agrovilas. Os moradores estão associados na Associação dos Trabalhadores livres de Capelão e Mulungu. A associação data da mesma época de implantação do assentamento, em 04 de abril de 1988. A luta pela terra nessa região contou inicialmente com a participação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e de alguns políticos ligados, à época, ao Partido dos Trabalhadores (PT). O assentamento tornou a fazer parte do MST somente em 1997<sup>5</sup>, ano marcado pelo caso conhecido como Ocupação da Avenida Bezerra de Menezes<sup>6</sup>.

## 2. Informação, meio ambiente e estudos de recepção

A informação sobre a questão ambiental sempre foi vista como um instrumento necessário para superar a crise ambiental planetária que é proveniente da exploração desordenada dos

---

<sup>4</sup>O assentamento possui famílias consideradas “agregadas”. Na maioria dos casos, são filhos e filhas dos assentados.

<sup>5</sup>A informação foi colhida em entrevista com Alonso Mota do Nascimento, de 81 anos, em janeiro de 2011. Alonso é o primeiro presidente da Associação.

<sup>6</sup>Sobre esse caso, Alencar&Diniz (2010) relatam o seguinte: "No período de 23 de novembro a 12 de dezembro de 1997 ocorreu uma grande ocupação na Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) na avenida Bezerra de Menezes com cerca de 2 mil pessoas. As principais reivindicações previam a alfabetização de 5.722 jovens e adultos, a liberação dos recursos financeiros dos projetos de convivência com a seca, o acompanhamento técnico das áreas de assentamentos. Nessa manifestação várias viaturas policiais, cavalaria, polícia de choque, rabecões e ambulância foram deslocadas para a Avenida Bezerra de Menezes. O aparato policial proibiu a entrada e a saída de pessoas, inclusive, de água e alimentos para os acampados e na tentativa de furar o bloqueio, vários acampados ficaram feridos em confronto com a Polícia. O cerco foi uma estratégia do governador do Ceará, Sr. Tasso Jereissati, para tentar desmobilizar os manifestantes. Entidades e parlamentares ligados à luta em defesa dos direitos humanos denunciaram que o cerco foi um dos casos emblemáticos de violação de direitos humanos e da ação violenta por parte da polícia" (p.138)

recursos naturais e da forma como exercemos o conhecimento sobre a natureza. Neste sentido, ao longo do processo de construção de um pensamento ambiental, a informação foi considerada estratégica, inclusive para a formulação das políticas públicas na área ambiental. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), por exemplo, adotou por vinte anos (1975 a 1995) a informação como base fundamental para os seus programas de educação ambiental sobre a premissa de que, ao se informarem sobre as problemáticas ambientais, as pessoas desenvolvem habilidades voltadas para resolvê-las (SAUVÉ, 2005).

A respeito disso, Taddei e Gamboggi (2011) afirmam que existe pouca evidência científica que sustente a hipótese de que apenas a informação seja o fator que induza a mudanças comportamentais. Desta forma, os autores refutam a ideia de que certos comportamentos ecologicamente negativos são resultados de "falta de informação". Eles sugerem que, para ter eficácia, as mudanças comportamentais e cognitivas devem relacionar-se com quatro dimensões da esfera sociocultural do seu interlocutor ou público-alvo. Segundo Taddei e Gamboggi (2011) são elas: as formas saliência, relevância, autoridade e legitimidade.

Na forma como saliência, é instituído uma relação entre o sistema de categorias usado pelo grupo para dar conta da realidade. A novidade e o estímulo à mudança surgem para se relacionar com este sistema de categorias. A relevância é a adequação desta novidade aos processos sociais às quais diz respeito (TADDEI E GAMBOGGI, 2011). Já autoridade "refere-se à credibilidade e a relações de poder, o que remete à dimensão política do problema" (idem, p.23) e legitimidade tem haver com a dimensão cultural do processo, quando se aplica a novidade ao sistema de valores.

Neste sentido, percebe-se que a mudança não está na ênfase informacional, mas no caráter relacional das questões e no

contexto histórico e conjuntural que elas ocorrem. Desta forma, os autores defendem que:

O trabalho etnográfico, e a atitude de abertura etnográfica que o caracteriza, apresenta-se como metodologia especialmente eficaz para investigar essas questões nas condições do contexto em que a ação social propriamente dita acontece. A etnografia, aqui, pode ser entendida como mais do que uma mera metodologia, mas tomada na sua acepção de diálogo intercultural. (TADDEI E GAMBOGGI, 2011, p. 24).

É nesse diálogo entre a informação/comunicação, a questão ambiental e o MST que está o campo de atuação deste artigo. Para tanto, adotamos o estudo de recepção como caráter norteador deste artigo, entendendo que:

Na pesquisa em comunicação, se manifesta a necessidade de conceituar de outra maneira os processos de comunicação e de explorar diretamente - e não somente inferi-los, como nos estudos de exploração - aos sujeitos que os protagonizam. Além disso, como havia assinalado vários autores (Jensen, 1987; Jensen y Rosengren, 1990; Orozco, 1991) analisar a recepção mais que uma moda é um modo de inquirir sobre a comunicação e sobre a produção de significados, isto é, sobre a criação cultural (OROZCO GÓMEZ, 2002, p. 16).<sup>7</sup>

Os estudos de recepção nascem atrelados ao contexto dos Estudos Culturais Britânicos, sendo a corrente mais recente de um longo processo de pesquisa que, ao longo da produção acadêmica, se propôs a investigar os efeitos da comunicação sobre as audiências. As correntes (pesquisa dos efeitos, pesquisa dos usos e gratificações, estudo de crítica literária, estudos culturais e estudos de recepção) são divididas em diferentes pressupostos teóricos, escolhas metodológicas e abordagens sobre a recepção.

---

<sup>7</sup> Tradução da autora.

Com relação a esta abordagem, os Estudos Culturais proporcionaram uma reflexão mais ampla sobre a recepção dos meios, livrando-a de pressupostos reducionistas que colocavam um receptor numa condição de passividade e atribuía total poder aos produtores. Nesse sentido, Os Estudos Culturais passam a analisar a produção e a recepção da mensagem, tomando como referência a complexidade da prática social (LOPES, 1999). Ainda segunda a autora:

Os estudos culturais permitem uma problematização mais elaborada da recepção em que as características socioculturais dos usuários são integradas na análise não mais de uma difusão, mas de uma circulação de mensagens no seio de uma dinâmica cultural. O polo da reflexão é progressivamente deslocado dos próprios meios para os grupos sociais que estão integrados em práticas sociais e culturais mais amplas. (LOPES, 1999, p. 2)

Ainda no contexto britânico, a partir de David Morley, os anos 1980 inauguram a ênfase nos estudos de recepção dos meios massivos com abordagens sobre programas televisivos, séries de televisão e filmes. Segundo Escoteguy (2001), ocorrem mudanças também no que a autora considera como “protocolos de investigação”, já que as pesquisas passam a dar uma atenção crescente ao trabalho etnográfico. Nos anos 1990, persistem estudos de recepção com ênfase nas questões sobre etnia, gênero, classe social.

No contexto da América Latina, também nos anos 1980, predominam nos estudos de recepção pesquisas cuja temática está associada a cultura popular. A partir de dois processos teóricos, o das mediações, com referência nos escritos de Jesús Martín-Barbero, e o da hibridização cultural cujo autor referencial é Néstor García Canclini, verificam-se a complexidade dos processos de recepção na vida cotidiana.

Orozco Gómez (2002), aponta três recorrências temáticas nas pesquisas de recepção dos meios: “Recepção Educação”, com o

objetivo de entender as mediações existentes na relação entre a família, os jovens e a escola; “Recepção e política” e “Recepção e Cultura”, ambos exploram as abordagens sobre usos sociais, identidade e gênero, principalmente nos estudos sobre telenovela.

Os primeiros estudos de recepção no Brasil são influenciados por esta vertente latino-americana dos estudos culturais. Contudo, estes primeiros estudos<sup>8</sup> ainda não trazem Jesús Martin-Barbero como referencial teórico, mas apresentam influências marxistas e antropológicas (GROHMAN, 2009).

A telenovela também foi um gênero bastante pesquisado nos estudos de recepção no Brasil. Destaque para os trabalhos de Ondina Fachel Leal (1986), Nilda Jacks (1999), Lopes, Borelli E Resende (2002). Vale ressaltar que nestes estudos predominam uma perspectiva etnográfica como método. Segundo Oliveira (2011), “enfocando ora a etnografia familiar como base metodológica, ora a inspiração etnográfica como procedimentos para estudar grupos de receptores em suas vivências culturais no cotidiano” (p. 16).

Ainda segundo Oliveira (2011), ao problematizar o uso da etnografia nos estudos de recepção afirma que “a pesquisa de recepção colocou a comunicação diante da pesquisa de campo, de modo a dialogar com a pesquisa etnográfica. Porém a etnografia não pode ser questionada por um caráter empírico apenas” (p. 20). Neste sentido, a autora defende o uso da etnografia nas pesquisas em que, por conta da complexidade do objeto, é necessário conhecer as relações entre a comunicação, a cultura e os sujeitos/receptores. Entretanto, esse uso deve ser feito de forma mais processual, seguindo o rigor que os códigos do método exigem, como por exemplo, assumindo a “consciência do fazer etnográfico”, assumindo a etnografia do método e não apenas técnica de investigação e uma maior permanência do pesquisador

---

<sup>8</sup>Estes estudos são os de Carlos Eduardo Lins da Silva e Ondina Fachel Leal, frutos, respectivamente, de uma tese de doutorado, defendida em 1984, e de uma dissertação de mestrado, defendida em 1983 (GROHMAN, 2009).

em campo. Desta forma, diante dos códigos que o método etnográfico impõe, essa pesquisa não se assume como de todo etnográfica, mas apenas de inserção etnográfica.

Ainda dentro da perspectiva de caracterizar os estudos de recepção no país, no levantamento feito por Nilda Jacks Et Alii (2002)<sup>9</sup> sobre a produção acadêmica dos estudos de recepção no Brasil nos anos 1990, os autores apontam oito trabalhos cuja pesquisa é realizada a partir da análise da recepção dos meios de comunicação com pequenos agricultores. Em linhas gerais, os trabalhos investigam como as informações veiculadas por um produto específico de um grande meio de comunicação de massa, são apropriadas por uma comunidade rural, entendendo que estes lugares possuem especificidades socioculturais e estão submetidos a uma realidade diferente da vivenciada nas grandes cidades.

Embora não haja estudo semelhante sobre a produção acadêmica nos anos 2000, destacamos alguns trabalhos em que o meio rural é o alvo dos estudos de recepção. Há aqui uma perspectiva mais próxima da pesquisa realizada para este artigo: a relação entre recepção, comunicação e meio ambiente no meio rural. Kolling (2006) investiga a recepção das informações ambientais a partir do programa globo rural. Para isso, a autora pesquisa em três famílias do município de Santa Rosa as mediações que constituem essa recepção. Já o trabalho de Neuls (2011), "propõe uma discussão sobre o processo de apropriação de informações sobre sistemas agroflorestais por assentados da amazônia mato-grossense (...)" (p. 7).

De uma maneira geral, os trabalhos que caracterizam os estudos de recepção levam em conta a perspectiva das mediações de Martín-Barbero (2008) em que a comunicação e a cultura dialogam em um amplo contexto social de apropriação e a

---

<sup>9</sup> A pesquisa da autora está baseada nos resumos divulgados pela CAPES, a partir dos anos 1992, e de levantamentos publicados pela Revista Brasileira de Estudos da Comunicação Intercom (n°62/63;n.64;n.65;Vol.XV/n°1e 2;Vol.XVI/n°1e 2;Vol.XVII/n°1e2) e consultados nos acervos de comunicação da USP e PUC-SP.

reapropriação da realidade a partir dos processos comunicativos. O rural ganha destaque pela especificidade sociocultural e por debater temas que lhe são peculiares como a questão ambiental. Diante disto, este artigo torna-se mais singular por tentar associar este processo de recepção ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra cuja especificidade está na luta pela reforma agrária e na implantação de um modelo de agricultura que alia preservação ambiental e desenvolvimento socioeconômico.

### **3. Caracterizando a entrada em campo e a metodologia**

A primeira ida ao assentamento Novo Mulungu ocorreu no dia 07 de dezembro de 2012. Logo no desembarque, a primeira dificuldade que a região enfrenta: o acesso a telefonia móvel. Não tinha, portanto, como se comunicar com o interlocutor da pesquisa. A cidade conta apenas com uma operadora de telefonia que só tem atuação na sede da cidade. No assentamento mesmo, o sinal da operadora cobre uma parte da estrada que liga o vilarejo ao município. Os moradores precisam ir até lá para fazerem alguma ligação. Poucos fazem uso de celular ou telefone fixo, já que não nem um orelhão telefônico na comunidade. Com isso, não há interatividade sequer com o rádio, meio bastante difundido na comunidade. Internet também não existe na localidade, embora alguns moradores disponham de computador.

Transporte é uma outra dificuldade na região. Os moradores fazem o percurso de 6km do assentamento a cidade geralmente a pé, de bicicleta, moto ou carroça. Quem tem carro geralmente só empresta para alguma emergência como levar um doente a um hospital. Quando é tempo de casamentos, novena ou festa da padroeira<sup>10</sup>, os assentados alugam um caminhão pau-de-arara para levar o pessoal à igreja. Não há paróquia ou capela no assentamento.

---

<sup>10</sup>Por coincidência, no dia em que cheguei à localidade, era época do novenário de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Tururu.

Embora a primeira visita fosse apenas para conhecer o lugar e os sujeitos de pesquisa para, só então, fazer uma opção metodológica consistente com as reflexões sobre o objeto, esta ida ao campo já estava amparada na possibilidade da realização de uma inserção etnografia.

Destaca-se algumas características que permitem confirmar o caráter de inserção etnográfica do trabalho como o estudo personalizado, ou seja, "conduzido por pesquisadores que, no dia a dia, estão face a face com as pessoas que estão estudando e que, assim, são tanto participantes quanto observadores das vidas em estudo" (ANGROSINO, 2009, p.31). Outra característica é o fato de ser multifatorial, de forma que é "conduzido pelo uso de duas ou mais técnicas de coleta, de dados – os quais podem ser de natureza qualitativa ou quantitativa – para triangular uma conclusão, que pode ser considerada fortalecida pelas múltiplas vias com que foi alcançada" (ANGROSINO, 2009, p.31).

Desta forma, dentro da perspectiva da multifatorialidade destacada por Angrosino (2009), destaca-se aqui o uso da observação participante – que será recorrente ao longo da pesquisa – e da entrevista antropológica ou não-diretiva como perspectiva para a coleta de dados sobre os sujeitos e o lugar. Como afirma Guber (2005), a observação participante consiste em duas atividades principais. A primeira é de observar de forma sistemática e controladamente tudo aquilo que acontece em torno do investigador e, em segundo, participar tomando parte de atividades realizadas pelos membros de uma população de estudo. Dentro do primeiro contato com o assentamento, a proposta de investigação aproxima-se da categoria proposta por Angrosino (2009) do papel de "observador-como-participante", definido pelo autor da seguinte forma:

O pesquisador faz observações durante breves períodos, possivelmente visando a estabelecer o contexto para entrevistas ou outros tipos de pesquisa. O pesquisador é conhecido e

reconhecido, mas relaciona-se como os 'sujeitos' da pesquisa apenas como pesquisador (p.75).

Já a entrevista não-diretiva consiste em abordar as temáticas de maneira informal, sem deixar limitar-se por perguntas previamente determinadas como acontece nas entrevistas convencionais. Neste sentido, a informalidade da entrevista não-direta permite uma maior interação entre pesquisador e sujeitos. Conforme Guber (2005):

A Reflexividade no trabalho de campo, e, particularmente, na entrevista, pode ajudar a diferenciar contextos, detectar permanentemente a presença de quadros interpretativos do pesquisador e os informantes na relação, para elucidar como cada um interpreta a relação e suas declarações, talvez também seja possível estabelecer uma ligação entre os dois universos progressistas, mas não como resultado de observações sozinho, mas processo de aprendizagem em geral no campo. (GUBER, 2005, p. 138, tradução nossa)

Durante a estadia no assentamento, esta pesquisadora ficou hospedada na casa do presidente da Associação dos Trabalhadores livres de Capelão e Mulungu, Raimundo Nonato, o Raimundinho. Isso possibilitou conhecer um pouco da rotina da família que é composta pela Mãe de Raimundinho, a Nonata, a vó Dolores e o pai Raimundo. Raimundinho possui ainda três irmãs, todas casadas. Apenas duas delas moram no assentamento. A mais nova mora em Fortaleza. Teve que se mudar do assentamento graças as normas da associação que proíbe a moradia das mulheres que casam com homens cujo família não pertence ao assentamento. A informação surgiu em uma dessas primeiras conversas informais, em que conversava com Natália, irmã mais velha de Raimundinho, sobre a organização das instituições no assentamento. Como afirma GUBER (2005), esta é uma das funções da entrevista não-dirigida:

(...) Ele pede ao informante para apresentá-lo em seu universo cultural, para lhe dar pistas para descobrir as passagens que lhe

permitem entender sua lógica, e isso inclui um novo ritmo de encontro, novas prioridades temáticas e expressões categóricas (GUBER, 2005, p. 138 e 139, tradução nossa).

Esta informação – sobre a condição da mulher – despertou atenção para observar as relações de gênero existentes no assentamento, visto que, há uma visibilidade do MST sobre a relação das mulheres com a questão ambiental, em especial durante o 08 de março, dia Internacional de Luta das Mulheres, em que a pauta ambiental tem sido constantemente discutida.

Na segunda visita feita ao assentamento, no dia 18 de janeiro de 2013, essa questão voltou a aparecer quando as minhas interlocutoras reclamaram da participação das mulheres nas mandalas. Uma delas contou-me que, quando da chegada do projeto, os homens afirmavam que “aquilo não era coisa pra mulher”.

As entrevistas não-diretas também permitiram reconhecer as dificuldades do assentamento em criar uma identidade com o MST. Como o lugar está inserido no contexto do movimento há pouco tempo, visualmente há poucos elementos que ligam o lugar ao MST. Com exceção da pintura representando a bandeira do movimento na parede da sede da associação, um cartaz afixado na sala da casa de Raimundinho também mostrava a ligação do movimento com o lugar. A ligação do assentamento com o MST acontece ainda de forma muito vertical, ou seja, é um diálogo entre as lideranças.

Como já dito, a estadia na casa permitiu conhecer um pouco da rotina da casa e do consumo cultural da família que me hospedou. A casa possui uma televisão, um rádio e um computador, embora não haja internet. Nas visitas, percebeu-se que a televisão era ligada apenas para assistir às novelas da globo e em dois horários: à tarde, com a reprise no horário do chamado “Vale a pena ver de novo”; e à noite, com a exibição da novela das 21 horas<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup>Na ocasião estavam no ar as novelas “Da cor do Pecado” e “Salve Jorge”, ambas da Rede Globo.

Neste último caso. A exibição da novela era facultativa, uma vez que os vizinhos gostavam de se reunir no terreiro para conversar sobre as últimas novidades do local. A criançada também se reunia para brincar de bola e outros jogos. Já os jovens, das vezes em que se esteve no assentamento, se reuniram para assistir filmes em DVD. No contexto da família em que a pesquisadora estava hospedada, percebeu-se que o rádio era um elemento pouco utilizado, sendo aplicado apenas para músicas. Dona Nonata, mãe de Raimundinho e representante do assentamento no Sindicato Rural da região, informou, também durante entrevista não-direta, que gostava de ouvir o programa que o sindicato possuía, sendo transmitido durante a semana<sup>12</sup>.

Embora essas técnicas de investigação tenham feito acessar à comunidade e a cultura do lugar, houve uma dificuldade de ter acesso aos demais assentados, principalmente, aqueles que trabalhavam diretamente com a produção agroecológica. Além disso, não foi possível circular pelo assentamento, uma vez que as agrovilas são ligadas por estradas desertas. Só era possível sair acompanhada de alguém da região. Um pouco por precaução da família e um pouco de cuidado a segurança. Isso atrapalhou a entrada em campo.

Uma outra dificuldade foi com relação a dinâmica do próprio lugar. Das vezes em que se esteve em campo, a opção foi em ir durante o período do fim de semana, com chegada na sexta-feira de manhã e saída no domingo à tarde. Contudo, a comunidade tem uma dinâmica muito própria. Sexta e sábado é dia de ir à missa, tirar o terço em alguma casa ou simplesmente acompanhar a novena na cidade. O domingo é dedicado aos campeonatos amadores de futebol, em que os assentados assistem ou são jogadores, e aos banhos nas lagoas e rios próximos, uma vez que a comunidade é bem servida de rios e, principalmente nascentes d'água.

---

<sup>12</sup>Não tive a oportunidade de acompanhar o programa em nenhum dos momentos em que fui ao assentamento.

Para superar a dificuldade inicial, a alternativa foi preparar um questionário para orientar uma entrevista diretiva estruturada com os assentados. O questionário com 22 questões versou sobre as características da produção do lugar, a agroecologia, sobre o consumo dos meios de comunicação de massa, a atuação do assentado no MST e o acesso às mídias produzidas pelo movimento. A entrevista foi realizada com oito pessoas. Além disso, um segundo questionário foi elaborado para orientar uma entrevista semiestruturada com um número menor de participantes. Neste caso, duas pessoas foram entrevistadas, sendo um homem e uma mulher que trabalham diretamente com a produção agroecológica. O critério de escolha deu-se pelas menções que os assentados faziam a estas pessoas.

De uma maneira geral, identificou-se através dos questionários quatro aspectos relevantes para a pesquisa. A primeira é a ausência de informações capaz de municiar um discurso sobre a produção orgânica. Os assentados sabem que o produto sem o veneno é o mais procurado na feira, mas não apontam razões ideológicas para isso. Na verdade, a maioria já cultiva a lavoura sem o uso de veneno desde muito tempo. Um ou outro fez uma tentativa de utilizar o agrotóxico: “É um abalo grande. Um dia fui pulverizar um feijão e passei mal. Às vezes é bom porque mata logo o inseto” (NASCIMENTO, Raimundo. Janeiro de 2013).

A segunda questão apontada pela entrevista é que a televisão é o meio de comunicação mais acessado pela comunidade. Quando perguntados se existia algum programa específico sobre agricultura e meio ambiente que eles assistiam, o Globo Rural era prontamente lembrado. Produzido pela Rede Globo de Televisão desde os anos 1980, o telejornal vai ao de segunda à sexta e aos domingos, sempre de manhã cedinho. Embora o programa seja quase todo dia, o domingo é o dia associado ao programa pelos assentados.

Um outro fator importante apontado pelo uso das entrevistas é que não há a circulação das mídias produzidas pelo

MST dentro do assentamento. A grande maioria nunca viu sequer um material produzido pelo movimento.

Por fim, através das entrevistas estruturada e semi-estruturada constatou-se que a informação sobre meio ambiente, agricultura e agroecologia circula de forma muito incipiente. A mediação aqui está longe de ser feita por qualquer tipo de meios de comunicação (considerando aqui também os produzidos pelo MST). O que há é um processo de mediação proveniente da oralidade e do saber local. Cultivam aos modos da tradição da agricultura familiar que, neste assentamento, não foi afetada, portanto pela agricultura moderna. Isto tem a ver também como a produção é feita, uma vez que, a maioria cultiva para consumo próprio, vendendo apenas o excedente. As sementes e o esterco também são produzidas pela própria comunidade, não havendo dependência das empresas.

#### **4. Considerações sobre o assunto**

A pesquisa nos apontou que a informação – de um modo geral – não está no cotidiano do assentamento. Isso não significa que os assentados não tenham consciência da necessidade de preservar o meio ambiente, e tampouco, não saibam o valor do que está sendo produzido. Ao contrário, as mediações feitas através do saber local associado a oralidade tornam possível a construção de um processo agroecológico no assentamento Novo Mulungu. Vale ressaltar, porém, que não há um processo de criticidade sobre o que está sendo construído. Há, na verdade, a repetição de uma tradição, em que a criticidade já está consolidada.

Apesar do caráter exploratório da pesquisa, com poucas idas ao campo, e com as dificuldades de estabelecer um amplo diálogo com o assentamento, a pesquisa tem seu valor para entender o contexto da recepção e das mediações no ambiente rural. Percebe-se que a inserção etnográfica é uma escolha metodológica interessante para entender melhor as relações constituídas entre a

informação ambiental e os assentados. Entretanto, consideramos que é necessário ampliar a entrada em campo e utilizar-se de outras estratégias para fazer um melhor mapeamento das mediações que não foram percebidas nas entrevistas.

## Referências

- ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de; DINIZ, Aldiva Sales. MST – Ceará, 20 anos de marchas. Mercator - volume 9, número 20, 2010: set./dez.
- ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BORGES, Juliano Luis. A transição agroecológica no MST. 01/07/2007. 183p. Dissertação. Universidade Estadual de Londrina. Paraná, 2007.
- ESCOTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. IN: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org.). Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.151-170.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Recepción y mediaciones: casos de investigación en América Latina. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.
- GROHMAN, Rafael do Nascimento. O Receptor como Produtor de Sentido: estudos culturais, mediações e limitações. Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação: São Paulo, Ano 2, Edição 4, Junho-Agosto de 2009.
- GUBER, Rosana. El Salvaje metropolitano; reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2005.
- JACKS, Nilda et al. Estudos brasileiros de recepção: A produção acadêmica da década de 90. Porto Alegre: PPGCom/UFRGS, 2002.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Mediações na Recepção: um estudo brasileiro dentro das tendências internacionais. ALAIC – Asociacion Latino-americana de Investigadores de la Comunicación. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/alaic/Congreso1999/17gt/Immacolata.doc>>.

- KOLLING, Patrícia. A recepção das informações jornalísticas ambientais do programa Globo Rural: os sentidos produzidos por agricultores familiares do município de Santa Rosa. Dissertação de Mestrado. Universidade federal do rio grande do sul, Porto Alegre, 2006
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos Meios às Mediações. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- NEGRI, Paulo Sérgio. A identidade ecológica do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST: o caso do assentamento Dorcelina Follador, Araçongas, Paraná. Londrina Paraná, 2005. Mimeo.
- NEULS, Gizele Souza. Agroflorestas Possíveis: comunicação e apropriação de informações por assentados em MT. Dissertação de Mestrado. Universidade federal do rio grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- OLIVEIRA, Catarina Farias. O visível e o invisível: Apropriações da comunicação no assentamento Itapuí/RS. Porto Alegre, 113p. Trabalho Não-publicado.
- SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes de educação ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel (ORG). Educação Ambiental: política e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- TADDEI, Renzo; GAMBOGGI, Ana Laura. Etnografia, meio ambiente e comunicação ambiental. Caderno pedagógico, Lajeado, v. 8, n. 2, p. 09-28, 2011

## **Entrevistas**

- NASCIMENTO, Raimundo. Janeiro de 2013.